

LEITER, Brian. *Nietzsche on morality* (cap. 1). Ed. eletrônica. Nova Iorque: Routledge, 2005, pp. 1-29. (Tradução livre com adaptações).

O que é naturalismo?

[...] Podemos começar distinguindo entre duas doutrinas naturalistas básicas: a *metodológica*¹ e a *substancial*². Naturalismo em filosofia é, tipicamente, uma visão *metodológica* sobre como alguém deveria fazer filosofia: nesta visão, a investigação filosófica deveria manter uma continuidade com a investigação empírica das ciências. Alguns naturalistas do tipo metodológico desejam uma “continuidade” apenas com as ciências chamadas *duras* ou *físicas*; enquanto outros buscam “continuidade” com qualquer ciência bem-sucedida, seja ela natural ou social. [A ciências sociais são denominadas ‘brandas’, em contraste com as ‘duras’]. O naturalismo do tipo brando é a corrente dominante da filosofia, atualmente.

O que significa essa “continuidade” com as ciências? Algo que ela certamente envolve é a rejeição de uma “filosofia primeira”, isto é, uma forma de resolver problemas que não depende da experiência sensível ou da evidência empírica. [...]

O naturalismo metodológico constrói teorias filosóficas que estejam em continuidade com as ciências, seja em virtude de sua dependência dos resultados de um método científico aplicado em diferentes campos, seja em virtude de sua aplicação de diferentes maneiras científicas de observar e explicar as coisas. [...]

[...] Hume, por exemplo, construiu uma teoria da natureza humana – nos moldes do paradigma³ científico mais influente de sua época (a mecânica de Newton) – de modo a *explicar* variados fenômenos humanos, dentre eles a moralidade [ou os costumes].

No entanto, muitos naturalistas vão além dessa atitude metodológica e aderem a uma doutrina do tipo *substancial*. Em filosofia, isso pode significar tanto uma visão em que as únicas coisas que existem são as coisas *naturais*, quanto a visão em que uma análise filosófica adequada seja aquela que demonstra um conceito como sendo favorável à pesquisa empírica

COPSON, Andrew. ‘What Is Humanism?’. In: *The Wiley Blackwell Handbook of Humanism*. A. C. Grayling e Andrew Copson (eds.). Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2015, pp. 1-33.(Tradução livre).

¹ *Metodológico*: o que se refere a métodos ou regras para realização de uma pesquisa

² *Substancial*: que se refere àquilo que se considera de suma importância, essencial.

³ *Paradigma*: um modelo ou padrão de pensamento que contribui de forma aceitável ao desenvolvimento das ciências.

[...] Esse é o principal significado que o nome ‘humanismo’ tem adquirido em trabalhos de referência:

Um estilo de ateísmo intelectual com interesses morais que, conscientemente, tem poucos adeptos ... mas, inconscientemente, aceito por um grande número de pessoas com algum grau de instrução, em todo o ocidente.

Uma filosofia ou um conjunto de crenças que defende que seres humanos alcancem um sistema moral mediante seu próprio raciocínio, sem depender de uma entidade divina.

Um apelo à razão, em contraste com o apelo à revelação ou à autoridade religiosa, como meio de fazer descobertas sobre a natureza e o destino da raça humana, e também de justificar uma moral [...]

Qualquer posição que enfatize a importância das pessoas em contraste com qualquer outra coisa, como uma divindade, uma natureza inanimada⁴ ou uma sociedade totalitária⁵.

Um compromisso à perspectiva, o interesse ou a centralidade da pessoa humana; uma crença na razão e na autonomia como aspectos fundamentais da existência humana; a crença de que a razão, o ceticismo⁶ e o método científico são os instrumentos mais adequados para a descoberta da verdade e para estruturação da comunidade humana; a crença de que os fundamentos para a ética e a sociedade estão na autonomia e na igualdade moral.

Acreditando que é possível viver de forma coerente sem certezas metafísicas⁷, e que todas as opiniões possam se sujeitar à revisão ou correção, humanistas veem o desenvolvimento humano como dependente de uma comunicação aberta, da discussão, da crítica e do consenso não forçado.

SINGER, Peter. ‘O Que Há de Errado em Matar?’ (cap. 4). In: *Ética prática*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4ª ed. SP: Martins Fontes, 2018, p. 120.

Existe outro uso do termo “humano”, este proposto por Joseph Fletcher, personalidade importante no desenvolvimento da bioética⁸. Fletcher fez uma relação daquilo que chama de “indicadores de humanidade”, entre os quais encontramos: autoconsciência, autocontrole, senso de futuro e passado, capacidade de se relacionar com os outros, preocupação com os outros, comunicação e curiosidade.

⁴ *Inanimado*: que não tem vida; sem movimento.

⁵ *Totalitário*: qualidade de um sistema político de uma autoridade sem limites, que busca controlar todos os aspectos da vida privada e em sociedade.

⁶ *Ceticismo*: a atitude de pôr em questão um conjunto de crenças; um modo filosófico de duvidar das coisas.

⁷ *Metafísica*: uma corrente filosófica que busca conhecer o caráter essencial ou a natureza das coisas, incluindo, por exemplo, a relação corpo-mente.

⁸ *Bioética*: campo filosófico de discussão a respeito dos efeitos do avanço da ciência (em especial médica e biológica) sobre a vida na Terra.